

**ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO
DE GEOGRAFIA – FALA
PROFESSORA! “A PRÁTICA DO (A)
PROFESSOR (A) À MARGEM:
RESISTÊNCIAS, SABERES E
PODERES” – RELATO DE CAMPO -
LAGOINHA**

*NATIONAL MEETING OF GEOGRAPHY
TEACHING – FALA PROFESSORA! – “THE
PRACTICE OF THE TEACHER ON THE
MARGIN: RESISTANCES, KNOWLEDGES
AND POWERS” – FIELD REPORT –
LAGOINHA*

*ENCUENTRO NACIONAL DE ENSEÑANZA
DE GEOGRAFÍA – FALA PROFESSORA! –
“LA PRÁCTICA DEL PROFESOR EN EL
MARGEN: RESISTENCIAS,
CONOCIMIENTOS Y PODERES” –
INFORME DE CAMPO – LAGOINHA*

PREMA – PRISCILA VASCONCELOS
Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção
Local Belo Horizonte/MG.
E-mail: pritcoerente@hotmail.com

Resumo: Este não será um relatório com números e com caráter meramente descritivo, é o relato da experiência de construção desta atividade, bem como da própria atividade em si. Importante ressaltar que quase nada do que foi planejado aconteceu, ou seja, é quando as coisas fogem do controle que podemos perceber a grandeza delas. A Atividade de Campo no entorno da Escola “Municipal Belo Horizonte” durante o “IX Fala Professora!”, Encontro Nacional do Ensino de Geografia realizado entre os dias 17 e 21 de julho de 2019, em Belo Horizonte, foi de extrema importância não só por ser sede do encontro, mas pela riqueza de discussão geográfica que este lugar abriga. Inicialmente havia elaborado um campo no complexo da Lagoinha, mas que por causa do tempo e desgaste dos encontristas (O campo foi dia 21 de julho de 2019, último dia do encontro), decidi por “enxugar” a caminhada, passando pelos pontos que imaginei serem os mais prioritários. A atividade foi construída aos poucos, alguns meses antes do encontro. Andei por todas as ruas, conversei com moradores antigos sobre como chegaram à Lagoinha, a maioria veio compor a mão de obra que começou a construir a cidade.

Este não será um relatório com números e com caráter meramente descritivo, é o relato da experiência de construção desta atividade, bem como da própria atividade em si. Importante ressaltar que quase nada do que foi planejado aconteceu, ou seja, é quando as coisas fogem do controle que podemos perceber a grandeza delas.

A Atividade de Campo no entorno da Escola “Municipal Belo Horizonte” durante o “IX Fala Professora!”, Encontro Nacional do Ensino de Geografia realizado entre os dias 17 e 21 de julho de 2019, em Belo Horizonte, foi de extrema importância não só por ser sede do encontro, mas pela riqueza de discussão geográfica que este lugar abriga. Inicialmente havia elaborado um campo no complexo da Lagoinha, mas que por causa do tempo e desgaste dos encontristas (O campo foi dia 21 de julho de 2019, último dia do encontro), decidi por “enxugar” a caminhada, passando pelos pontos que imaginei serem os mais prioritários. A atividade foi construída aos poucos, alguns meses antes do encontro. Andei por todas as ruas, conversei com moradores antigos sobre como chegaram à Lagoinha, a maioria veio compor a mão de obra que começou a construir a cidade.

À medida que conversava com as pessoas, notei uma grande diversidade, percebi a Lagoinha como uma grande encruzilhada, onde toda sorte de diferença pôde ser apreciada em um complexo cultural: são diversas igrejas cristãs, centros espíritas, terreiros de Umbanda e Candomblé, cinemas, clube, time de futebol, escola de samba e a conhecida “Banda Mole”. Todos convivendo de forma peculiar a uma encruzilhada...

Sugere trânsito... movimento....encontro...

(tanto de pessoas como de máquinas e mercadorias...)

A Lagoinha está à um quilômetro de distância do centro de Belo Horizonte , sendo separada por alguns limites: o Rio(esgoto) Arrudas, a linha férrea, o metrô e as grandes obras viárias que cortaram a Lagoinha em várias partes , ressignificando o espaço em nome do “progresso” (em detrimento dos moradores) e mostrando os limites entre o urbano e o suburbano.

Sendo território de cruzo de pessoas, estando na porta de entrada da cidade, próxima à rodoviária, a Lagoinha como lugar de passagem obrigatória abriga muitas pessoas em situação de rua e toda espécie de vulnerabilidade. Conhecida como a “Crackolândia” mineira, sofre com o abandono de políticas públicas, embora algumas ações sociais estejam sempre presentes, tais como: distribuição de alimentos e agasalhos, suporte espiritual/religioso para os toxicômanos, entre iniciativas outras de amparo à estas pessoas.

O Complexo da Lagoinha comporta ao todo oito bairros, dentre estes, caminhamos pela Pedreira Prado Lopes, Senhor dos Passos (Buraco Quente) e pelo Bonfim.

A Pedreira Prado Lopes (PPL) e o Senhor dos Passos (Buraco Quente) que estão exatamente no entorno do Municipal Belo Horizonte foram as primeiras ocupações de Belo Horizonte, iniciadas em meados de 1900/1920. Contou inicialmente com trabalhadores migrantes da zona central do Estado de Minas, mais abaixo, na Lagoinha e Bonfim, foi inicialmente ocupada por imigrantes italianos.

Seis encontristas participaram desta atividade de campo. Saímos da Escola, após uma breve apresentação e subimos a Rua Pedro Lessa (por onde rolaram as pedras quando houve a implosão da Pedreira). Caminhamos até o Galpão MTD (Movimento das

trabalhadoras(es) por Direitos) / Ocupação Pátria Livre, para uma conversa com as mulheres ocupantes (que protagonizam a luta) sobre as ocupações urbanas e rurais neste momento de conjuntura trágica de desmonte do país.

Foi um rico momento de interação, onde prevaleceram diálogos sobre a situação da luta por moradia como um todo e sobre os direitos humanos básicos, previstos na Constituição mas que não são observados pelo poder público, dando margem aos movimentos sociais que dão função social a terrenos e imóveis abandonados, como este galpão que visitamos.

Continuamos nossa caminhada, subindo a Pedreira, observando a comunidade e trazendo para a discussão as questões sobre a produção do espaço e a reprodutibilidade da miséria... Miséria essa bem perceptível, expressa na favelização, nas muitas pessoas em situação de rua (a maioria é população ex-carcerária).

Após andar por alguns becos, nos deparamos com umas das vistas mais incrivelmente belas de Belo Horizonte e que não pudemos fotografar, por recomendações de um dos moradores. Este processo de passear dentro da Pedreira, tido como um dos lugares mais perigosos de Belo Horizonte, foi construído lentamente, semanas do encontro, para que os “donos” da favela não estranhassem a movimentação e não tivéssemos problemas, foi dessa forma concedida a autorização da atividade pelo tráfico. Descemos em direção ao Buraco Quente, berço do samba de Belo Horizonte, uma comunidade que agora denomina-se Vila Senhor dos Passos. Neste ponto caminhamos por entre os becos, observando a vida que se esconde nos aglomerados. Muitos usuários de crack por todos os lados e ao cair da noite, a situação é ainda mais surreal: aumentam os usuários e transita muito próximo o aparato policial militar. Em um

dos pré-campo que fiz, andei pela noite e fiquei atormentada com o que vi. Eram muitas pessoas, compartilhando do mesmo estado de loucura, corriam de um lado pro outro, alguns diziam ou gritavam coisas violentas, mas sem direcionar a alguém especificamente. Toda espécie de miséria convivendo debaixo da mesma lua cheia.

Foi o pedaço de BH mais parecido com as favelas que conheço em São Paulo.

Descemos pela Rua Itapecerica (por onde também rolaram as pedras). Esta rua abriga alguns antiquários e imóveis antigos que estão em deprecação. Há projetos de revitalização, inclusive o projeto “Viva Lagoinha” que pretende restaurar a rua Itapecerica, construir um mirante na Rua Diamantina, fazer um cinema a céu aberto que contemple também a população em situação de rua, formar uma cooperativa dos trabalhadores coletores de artigos recicláveis, entre outras ações.

Numa conversa prévia com um dos idealizadores do projeto, foi sabido que o lugar é alvo da especulação imobiliária, estando exatamente no meio do caminho entre o centro e o vetor norte de expansão metropolitana.

No meio do caminho havia uma pedra.... Havia uma pedra no meio do caminho...

Segundo eles, estas ações são tentativas de frear tal especulação, que cresce à medida em que a população envelhece e acaba abandonando ou vendendo seus imóveis...

Dentro da sede onde se fomenta o projeto “Viva Lagoinha” funciona uma aceleradora de *startups* e há um logo imenso da construtora MRV.

Será que os complexos imobiliários vão “tratorar” o que restou da Lagoinha?

Chegamos à encruzilhada de Belo Horizonte... Na antiga Praça Vaz de Melo, reduto da bohemia popular do samba, cujo espaço de encontro das pessoas torna-se, a partir das grandes reformas viárias, apenas uma grande encruzilhada de viadutos e pontes que conectam o centro às demais regiões de BH, fazendo desaparecer as lagoinhas de chuva características, para segregar ainda mais o espaço urbano do suburbano.

Neste ponto conversamos sobre a metrópole enquanto equipamento moderno produtor de lucro e sobre o direito à cidade... Sobre como o trator da produção do espaço desconsidera as populações e suas relações de pertencimento e memória com o lugar que habitam. Onde era o campo de futebol, por exemplo, hoje é o SENAI.

A última parte da atividade era justamente o atravessar destes limites físicos que separam a Lagoinha do centro. Iríamos passar pela passarela da rua Padre Paraíso, que sai atrás do Restaurante Popular e que apesar de ter “Paraíso” no nome, é um dos lugares mais impactantes (e evitados), mostrando a miséria que provoca a exclusão máxima, um apartheid social, um lugar estigmatizado pela presença massiva de usuários de crack, que tensiona uma lumpemproletarização... São pessoas invisíveis e temidas pelo conjunto da sociedade. (inclusive, os encontristas preferiram voltar pra escola sem finalizar a atividade nesta passarela).

Uma curiosidade era a Rua Além Paraíba (na década de 40 e 50) que, do lado direito da calçada mantinha um comércio onde transitavam pessoas “de bem”, moças de família, que trabalhavam e estudavam. O lado esquerdo tinha comércios também, mas havia

alguns prostíbulos, onde só caminhavam as prostitutas e os malandros.

Descendo a Rua Paquequer, antes: rua do baixo meretrício; agora: casarios abandonados no meio de alguns poucos comércios.

A questão da prostituição sempre existiu de alguma forma na Lagoinha, hoje em dia, é muito comum ver as travestis fazerem seus pontos na Avenida Pedro II, que está abaixo do Bonfim.

A questão central que ronda a maioria das ocupações mais próximas do centro pelas quais passei, está truncada na gentrificação: processo pelo qual expropria-se para a construção de empreendimentos do complexo imobiliário, construindo um corredor de riqueza e jogando os pobres para cada vez mais longe, reforçando a lógica da segregação, hierarquização e homogeneização.

O Brasil não é um país, é um projeto dependente do Capital internacional que desconsidera suas populações e entrega toda sorte de recursos (*commodities*) ao Poder Concentrado dos conglomerados capitalistas, enquanto privatizam/aniquilam a nossa possibilidade de vida ...

Qual o limite?

...O limite é o fim do fetiche da mercadoria...

“Existem 2/3 de pessoas que não dormem porque sentem fome e 1/3 de pessoas que não dormem por medo dos que sentem fome”. Josué de Castro.

O que o espaço tem a dizer?

O que vemos não se explica pelo que vemos...O desvelar da suposta realidade perpassa a lógica da experiência *in loco*. Considero

a atividade de campo o âmago da geografia. Um dispositivo didático-pedagógico para apreender os conteúdos estudados de forma prática e criativa, e que cada vez mais tem sido negligenciado pelos geógrafos de uma forma geral. Atividade de campo é uma oportunidade freiriana de formação e emancipação. Andar pelo chão do mundo produz conhecimento de si mesmo, dos outros e dos lugares é o que nos diferencia de qualquer outro saber que nasce da observação raciocinada dos elementos. Como podemos realizar um encontro de geografia em um lugar que não nos esforçamos para conhecer e interagir o mínimo?

Nasce destas questões: racismo, fome e exclusão, a proposta de campo no complexo da Lagoinha, priorizando o entorno da escola sede do encontro, que se localiza entre a Pedreira Prado Lopes e a favela do Buraco Quente. A observação e vivência contínua em lugares periféricos, onde não há o interesse do poder público, despertou-me certa consciência crítica da suposta realidade. Sediado um encontro de professores de geografia, onde se discute não só o ensino, mas a situação conjuntural em tempos, iminentemente adversos, nos potencializa a pensar ações de luta, percebendo imbricadas as questões urbanas de luta por moradia e as questões do mundo da educação que, não obstante, está sendo esfacelado sistematicamente.

A leitura breve do conjunto de cousas que estão dadas enquanto condições objetivas, não só deveria interessar olhares curiosos produtores de textos, mas fomentar ações práticas e que conectam trabalhadores, professores e estudantes, resistentes à tragédia interseccional em que nos situamos.

Esta proposição de atividade em um bairro estigmatizado pela fome (de tudo), pobreza e exclusão, onde sua população é

majoritariamente negra, teve como pressuposto metodológico a aproximação da geografia com a miséria, via interação profunda, onde o campo observável é também o campo das atividades humanas e sub humanas, as quais, experimento e não apenas observo.

Quais são e onde estão os corpos que sofrem? (e que, dadas as condições de gestão necro-política, serão dizimados e/ou encarcerados).

Esta atividade surge também da ideia de prefaciá-la o ENG 2020 cujo tema é: “Brasil - Periferia - A Geografia para resistir e a AGB para construir”. Não podemos roubar o lugar de fala e (apenas) discutir sobre a periferia. Há a necessidade de deixar que a periferia fale por si mesma.

Aliás, reconhecer a legitimidade do lugar de fala é o primeiro passo para enfraquecer o racismo estrutural.

Enfim, compreendi que não se pode provar o gosto de uma bebida olhando uma foto do copo. E entre um gole e outro, assimilo a riqueza da construção conjunta de uma atividade formativa, que, embora tenha sido desenvolvida, a nível prático-institucional, sem a participação de outros associados da local, foi experimentada em conjunto: na interação com os encontristas que estiveram na atividade e na interação direta e preliminar com as pessoas (e os lugares) que (sobre)vivem nesta encruzilhada. Não há nada que se possa construir sozinho, todos contribuíram para o resultado da atividade: seja com textos, seja com um sorriso, seja com uma árvore... seja como inspiração interna (ou de espíritos), pessoas e lugares fizeram acontecer esta atividade.

Enquanto AGB Seção Local Belo Horizonte, agradecemos a Escola Municipal Belo Horizonte, que nos recebeu maravilhosamente e que de maneira progressista e humana tem

dedicado suas atividades em prol de uma educação inclusiva e aberta à comunidade.

Submetido em: 17 de outubro de 2019.

Devolvido para revisão em: 15 de janeiro de 2020.

Aprovado em: 02 de março de 2020.

Como citar este relato:

VASCONCELOS, Priscila Encontro Nacional de Ensino de Geografia – “Fala Professora! – “A prática da professora à margem: resistências, saberes e poderes” – Relato de Campo – Lagoinha. **Terra Livre**, v. 2, n. 53, p. 507-516, jul.-dez./2019.